

DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES EM LÍNGUA PORTUGUESA EM SALA DE AULA – COMO CHEGAR AO CONHECIMENTO LINGUÍSTICO EXPLÍCITO?

Eloisa Nascimento Silva PILATI⁷
Helena Guerra VICENTE⁸

RESUMO

O presente artigo defende a ideia de que, para tornar o processo de ensino-aprendizagem da variedade padrão da língua portuguesa mais efetivo, é fundamental que a formação prática dos futuros docentes esteja fundamentada numa Abordagem Pedagógica (cf. Lobato, 2003; Pilati & Vicente, 2012; Vicente & Pilati, 2012; Pilati, 2014). O foco da abordagem que iremos propor é direcionado, principalmente, às aulas de gramática, e está calcado em pressupostos da Teoria Gerativa, tais como Faculdade de Linguagem, competência e criatividade, mas não é nossa intenção excluir contribuições advindas de outras correntes teóricas.

PALAVRAS-CHAVE: Abordagem pedagógica; Ensino de Gramática; Teoria Gerativa; Metodologia de ensino.

Introdução

Há uma ampla bibliografia nacional que se propõe a discutir questões relacionadas ao ensino de língua portuguesa nas escolas no Brasil, tais como: Luft 1998; Franchi 2006; Neves 2007; Rocha 2007; Vieira & Brandão 2008; Pilati *et al.* 2011, Pilati 2014, entre muitos outros. De forma geral, pode-se observar que tais obras mostram um considerável avanço no que se refere à consolidação dos conhecimentos advindos das pesquisas linguísticas e suas aplicações ao ensino de língua materna. No entanto, apesar desse avanço, alunos formados nos cursos de Letras ainda não têm a

7 UnB, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas clássicas, Campus Darcy Ribeiro, *Campus* Universitário Darcy Ribeiro, CEP 70910-900, Brasília, Distrito Federal, Brasil, eloisapilati@gmail.com

8 UnB, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas clássicas, Campus Darcy Ribeiro, *Campus* Universitário Darcy Ribeiro, CEP 70910-900, Brasília, Distrito Federal, Brasil, helenavicente@gmail.com

segurança de como direcionar sua atuação docente, articulando teoria e conhecimentos linguísticos, sob o ponto de vista da prática docente. Acreditamos que haja várias causas para essa distância entre os conhecimentos e propostas desenvolvidos nas Universidades Brasileiras e a aplicação desses na realidade das salas de aula no Brasil. Os currículos de muitos Cursos de Licenciatura em Letras, por exemplo, ainda apresentam lacunas em relação à inclusão de atividades verdadeiramente ligadas à prática como componente curricular, há lacunas na formação dos professores em relação a métodos e técnicas pedagógicos, além de questões relacionadas à prática docente em si, tais como, infraestrutura das escolas, exigências de pais e coordenadores pedagógicos, ensino voltado para provas vestibulares e similares – questões amplas que vão além do escopo deste artigo.

No entanto, partindo dessa constatação, de que há uma lacuna entre o que se defende sobre o ensino de gramática nas universidades e a realidade das salas de aulas, o presente artigo tem o objetivo de contribuir no avanço das pesquisas e discussões sobre esse tema, por meio da proposta de um conceito de Abordagem Pedagógica na formação de professores de língua materna. Para alcançar tal objetivo, o presente artigo irá defender a ideia de que, para tornar o processo de ensino-aprendizagem da variedade padrão da língua portuguesa mais efetivo, é fundamental que a formação prática dos futuros docentes esteja fundamentada numa Abordagem Pedagógica (cf. Lobato 2003, Pilati *et al.* 2011; Guerra Vicente & Pilati 2012; Pilati 2014).

O foco da abordagem que iremos propor é direcionado, principalmente, às aulas de gramática, e está calcado em pressupostos da Teoria Gerativa, tais como Faculdade de Linguagem, competência e criatividade, mas não é nossa intenção excluir contribuições advindas de outras correntes teóricas. Temos notado, aliás, que outras teorias linguísticas (a Sociolinguística e as teorias sobre Gêneros Textuais, para citar algumas) têm tido o seu espaço nos documentos oficiais. A esse respeito, Ferreira & Guerra Vicente (2015), por exemplo, afirmam já existir “livros didáticos que trazem ao menos um capítulo abordando a língua oral, o que é notadamente resultado dos esforços na área de estudo da Sociolinguística”, ao que acrescentam: “Em verdade, tal proposta tem se difundido de modo tão significativo no contexto atual do ensino de língua materna que mesmo o Ministério da Educação aconselha a prática desde o Ensino Fundamental”. É o que se pode verificar nos seguintes excertos dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais):

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas (p. 31).

Formar escritores competentes supõe, portanto, uma prática continuada de produção de textos na sala de aula, situações de produção de uma grande variedade de textos de fato e uma aproximação das condições de produção às circunstâncias nas quais se produzem esses textos. Diferentes objetivos exigem diferentes gêneros e estes, por sua vez, têm suas formas características que precisam ser aprendidas.

Contudo, parece não estar totalmente claro de que maneira a Teoria Gerativa poderia contribuir para enriquecer a reflexão em torno do ensino de gramática. Este artigo, portanto, visa contribuir para o preenchimento dessa lacuna.

Construindo uma abordagem para orientar a prática docente

No ensino de línguas estrangeiras, é comum que se trabalhe a formação de professores a partir da construção de uma Abordagem de Ensino. Richards & Rodgers (2008) afirmam que uma abordagem, ou um método de ensino, é um conjunto de teorias e crenças sobre a natureza da linguagem e sobre a natureza do aprendizado de línguas. Em outras palavras, é um sistema instrucional específico de uma dada teoria da linguagem e do aprendizado de línguas que contém especificações detalhadas sobre conteúdos, papéis dos professores e alunos e procedimentos de ensino e técnicas.

Sabemos que atualmente a “Era dos Métodos” parece ser algo ultrapassado. Em outras palavras, entendemos que não é necessário que se use apenas um método no ensino de línguas. Pesquisas sobre formas de aprender, sobre as Inteligências Múltiplas, mostram que um único tipo de atividade, não é algo que seja necessariamente bom para todos os tipos de alunos. No entanto, consideramos que qualquer profissional de línguas deve dominar uma gama de conhecimento que norteie sua formação docente e sua atuação profissional. É nesse sentido que propomos a adoção de uma Abordagem de Ensino. Também acreditamos que o conceito de Abordagem de Ensino é relevante porque, durante a graduação, o aluno do curso de Letras recebe uma ampla formação em

Linguística, no entanto, muitas vezes, não é evidente para o futuro professor como fazer a “transposição didática”, ou seja, transformar as teorias e conceitos aprendidos durante sua formação universitária em conhecimentos adequados para serem levados para a sala de aula. Por esses motivos, defendemos que o conceito de Abordagem de Ensino, ou Abordagem Pedagógica, deva ser utilizado na formação de professores de língua materna.

Ainda segundo Richards & Rodgers (2008), para a construção de uma Abordagem de Ensino, as seguintes perguntas devem ser respondidas:

- Quais devem ser os objetivos do ensino de língua (no nosso caso, na aula de gramática)?
- Qual a natureza básica das línguas humanas?
- Quais são os princípios para a seleção do conteúdo linguístico?
- Quais princípios de organização, sequenciamento e apresentação facilitam o aprendizado?
- Qual deve ser o papel da primeira língua? (No caso de ensino de língua materna, adaptamos a pergunta da seguinte forma: Qual seria o papel da gramática internalizada pelo falante, adquirida sem educação formal e explícita?)
- Que tipo de processamento os aprendizes usam ao dominar uma língua e como estes podem ser incorporados num método?
- Que tipos de atividades de ensino e de técnicas funcionam melhor e sob que circunstâncias?

Responder a todas essas questões vai além do escopo do presente artigo. Para a formulação do Conceito de Abordagem de Ensino, nos deteremos em responder às questões em (1), (2) e (6), repetidas a seguir: Quais devem ser os objetivos do ensino de língua (no nosso caso, na aula de gramática)? Qual a natureza básica das línguas humanas? Quais devem ser os objetivos do ensino de língua (no nosso caso na aula de gramática)?

Quais devem ser os objetivos do ensino de língua (no nosso caso, na aula de gramática)?

Entre os muitos fatores que justificam a existência de aulas de gramática,

segundo Ferraz (2007:20), podemos citar os seguintes:

- desenvolver processos cognitivos;
- permitir acesso à informação e à cultura;
- facilitar o sucesso social e profissional;
- facilitar a aprendizagem de línguas estrangeiras;
- proporcionar maior autoconhecimento;
- ampliar conhecimento de mundo;
- facilitar o relacionamento com os outros.

Ainda segundo Ferraz (2007), a escola deve dar a todos a possibilidade de desenvolver a competência linguística que lhes permita ter acesso ao conhecimento. Deve proporcionar as aprendizagens necessárias, fazendo adquirir saberes que os tornem cidadãos cultos, que lhes permitam respeitar o outro, interagir com o mundo.

Os PCN (Brasil, 1997) também defendem a retomada e a permanência do ensino de gramática, como se verifica no seguinte excerto: “Em função disso [do ensino descontextualizado da gramática], tem-se discutido se há ou não necessidade de ensinar gramática. Mas essa é uma falsa questão: a questão verdadeira é para **que e como** ensiná-la” (p. 39, grifos nossos). Dentro dessa perspectiva de ensino/aprendizagem, o que se propõe é uma revisão no modo de se ensinar gramática, que não deveria se resumir à promoção de atividades de rotulação de classes de palavras ou de funções sintáticas, mas, sim, promover a reflexão sobre o funcionamento gramatical da língua, calcado no conhecimento que o aluno já tem.

A diferença entre o que pregam os PCN, por um lado, e a nossa proposta, por outro, diz respeito à natureza desse “conhecimento prévio”. Enquanto para aqueles o “conhecimento prévio” corresponderia a conteúdos previamente abordados em sala de aula, para nós corresponde à competência linguística no sentido chomskyano, ou seja, à bagagem gramatical que o aluno já possui inconscientemente e carrega para a sala de aula. Sobre essa diferença de perspectiva, remetemos o leitor a Guerra Vicente & Pilati (2012).

Para abraçar uma proposta que repense o ensino de gramática, é necessário admitir a existência de diversas (porém não excludentes) interpretações para o termo “gramática”. Além do tradicional conceito de “livro grosso e pouco confiável, cheio de regras que jamais conseguimos decorar” (Mioto *et al.*, 2004,16), nossos alunos devem compreender que “gramática” também pode se referir à noção mais dinâmica e interna

ao indivíduo, capaz de explicar “o caráter criativo do uso das línguas naturais” (Lobato, 2003, 2). Esse uso criativo corresponde a o que viemos ressaltando ao longo deste artigo, que é a habilidade que o falante tem de lidar com enunciados que nunca ouviu antes, e cuja base é o conhecimento linguístico que traz como conhecimento prévio para as salas de aula.

Qual a natureza básica das línguas humanas?

Para que se possa entender os aspectos estruturais da língua portuguesa e também o fato de os alunos já entrarem na escola “sabendo” muito da gramática da língua portuguesa, adotaremos a perspectiva gerativista de Noam Chomsky (1970, 1986 entre outros). De acordo com o autor, os seres humanos possuem uma Faculdade da Linguagem, ou seja, há uma dotação genética para língua, com uma arquitetura especial para lidar com os elementos presentes nas línguas naturais. Em relação à aquisição da linguagem, o autor defende que esta se dá por meio da interação entre a Faculdade da Linguagem e a experiência, que envolve a exposição a dados linguísticos de entrada. Ou seja, a mente guia a criança no período de aquisição. É pelo fato de as crianças possuírem essa Faculdade da Linguagem que elas aprendem uma língua tão facilmente e de forma tão espontânea durante a infância.

Para ilustrar a relação entre o que a teoria gerativista defende em relação aos conhecimentos linguísticos prévios e ao papel da escola, apresentamos a seguinte tabela (adaptada de Pilati, 2014):

ANTES DA ESCOLARIZAÇÃO Fala na modalidade informal	DURANTE A ESCOLARIZAÇÃO Escrita padrão e Fala na modalidade padrão
Faculdade da linguagem + input (Conhecimento inconsciente de aspectos das línguas como: fonologia, morfologia, sintaxe...)	Faculdade da linguagem + conceitos aprendidos (conhecimento consciente de características da variedade padrão, variação linguística, gêneros e tipos textuais, organização das ideias, estratégias de argumentação, texto e discurso...)
 Conhecimento linguístico explícito	

A tabela tem o objetivo de apresentar, de forma bastante resumida, os diferentes

papéis dos diferentes saberes que os seres humanos possuem. Ao estabelecer uma relação direta entre a fala e a Faculdade da Linguagem, pretende-se mostrar para o futuro professor que a fala é uma dotação dos seres humanos e, sendo assim, ela não será “ensinada” em sala de aula (sobre essa discussão, ver, por exemplo, Guerra Vicente & Pilati 2012). A criança que chega à escola já sabe muito sobre a gramática de sua língua. A escola irá tornar o aluno consciente dos elementos que fazem parte da língua da criança e desenvolver tais conhecimentos. Essa tabela, portanto, pretende despertar no professor a consciência de que seus alunos já possuem um vastíssimo conhecimento gramatical, que envolve aspectos fonológicos, morfossintáticos, pragmáticos entre outros, mas que tal conhecimento é inconsciente. Será na escola que o aluno se tornará mais consciente de processos e regras característicos das diferentes variedades linguísticas e dos usos e características dos textos escritos.

Outro elemento interessante a ser destacado na tabela acima é o de que a escrita se diferencia da fala por não ser uma habilidade inata. Por esse motivo, deve de ser aprendida na escola e, para isso, existem os processos de alfabetização (e letramento) e os processos de prática de escrita presentes em toda a educação básica. Além da alfabetização, há várias formas de se expressar por meio da escrita. Tais formas se adequam a diferentes gêneros textuais e cada gênero possui características próprias. Essas questões, dentre muitas outras, devem ser abordadas e ensinadas na escola. Para estabelecer a relação entre as duas habilidades há o “conhecimento linguístico explícito” (termo adotado de Costa *et al.*, 2010). Promover esse conhecimento significa explicitar e demonstrar aos alunos como funcionam determinados aspectos das línguas humanas, para que os alunos entendam como a escrita funciona, quais os aspectos envolvidos no ato de escrever, para, assim, compreender os elementos que estão em jogo nos diferentes tipos de textos escritos.

Que tipo de processamento os aprendizes usam ao dominar uma língua e como estes podem ser incorporados num método?

Ou, para usar a terminologia defendida acima, *Como tornar o conhecimento linguístico implícito um conhecimento explícito?* Para ilustrar de que forma questões metodológicas podem ser desenvolvidas em sala de aula, apresentamos as ideias

defendidas por Pilati (2014) que estabelece uma correlação entre as ideias presentes na obra *Como as pessoas aprendem* (2007) para o ensino de Língua Portuguesa.

Segundo Pilati (2014), para que ocorra a aprendizagem efetiva, é necessário que os estudantes tenham a oportunidade de entender o sentido dos assuntos estudados. Sabe-se que diversos currículos enfatizam mais a memória que o entendimento, o que leva o aluno a acreditar que a gramática de uma língua é um conjunto de regras arbitrárias e sem sentido. Para evitar esse tipo de compreensão por parte dos alunos, devemos dar sentido às aprendizagens de nossos alunos, imbuindo de sentido as aulas de gramática. Para tanto é importante que nessas aulas os alunos realizem tarefas ou enfrentem situações que mobilizem os conhecimentos adquiridos e as informações recolhidas, sejam capazes de usar diferentes técnicas e métodos (de estudo?), saibam usar o vocabulário adequado na situação adequada, saibam redigir dentro das normas e construir textos coerentes.

A seguir serão apresentados alguns princípios a serem seguidos para que se possa promover o aprendizado efetivo na sala de aula. Os três princípios são os seguintes: a) levar em consideração o conhecimento prévio do aluno; b) promover aprendizagem ativa e c) fazer com que o aluno compreenda os processos envolvidos, dentro do assunto estudado.

Em relação ao primeiro princípio, ainda seguindo a obra *Como as pessoas aprendem*, sabemos que

Mesmo os recém-nascidos são aprendizes ativos, que trazem certo ponto de vista para o ambiente de aprendizagem. O mundo em que entram não é uma confusão de ecos e burburinhos em que cada estímulo é igualmente saliente. Em vez disso, o cérebro de um recém-nascido dá prioridade a certos tipos de informações: a língua, os conceitos básicos referentes aos números; as propriedades físicas e o movimento de objetos animados e inanimados. No sentido mais geral, a visão contemporânea a respeito da aprendizagem é que as pessoas elaboram o novo conceito e o entendimento com base no que já sabem e naquilo em que acreditam. (Comitê de Desenvolvimento, 2007).

Os professores devem prestar atenção aos entendimentos incompletos, às crenças falsas e às interpretações ingênuas dos conceitos que os aprendizes trazem consigo sobre determinados assuntos. Considerando esse primeiro princípio, Pilati (2014) que afirma é importante mostrar aos alunos o funcionamento da língua humana sob diferentes perspectivas para que eles possam compreender o próprio objeto de estudo e os objetivos das aulas de português.

Em relação ao segundo princípio, os novos estudos sobre a aprendizagem mostram a importância de promover a aprendizagem ativa (um aprendiz em cujo processo o aluno esteja envolvido e em que possa compreender realmente o assunto a ser estudado).

Para que haja o aprendizado com o entendimento, é importante que as pessoas aprendam a identificar quando aprendem algo e quando precisam de mais alguma informação. Esse aprendizado ativo requer que nas práticas de sala de aula haja momentos para a criação do sentido, para a auto-avaliação e para a reflexão sobre o que funciona e o que precisa ser melhorado dentro do processo de aprendizagem. Essas práticas aumentam o grau em que os alunos transferem sua aprendizagem para novos cenários e eventos.

Em relação ao ensino de gramática, Pilati (2014) defende que é importante que as aulas sejam planejadas para que os alunos tenham contato com a língua em uso e para que possam usá-la efetivamente, para que os alunos possam compreender o que são as diferentes estruturas linguísticas e em que contextos podem usá-las. Em outras palavras, os alunos devem experimentar nas aulas de gramáticas as diferentes formas de expressão da modalidade escrita da língua (os diferentes gêneros), não apenas como espectadores, mas, sim, como protagonistas do processo de produção textual, para que possam testar seus conhecimentos, analisar formas gramaticais, reconhecer novas formas linguísticas e desenvolver suas habilidades. Somente de forma ativa, poderão ter consciência dos conhecimentos que já possuem sobre formas linguísticas típicas da escrita ou sobre variedades linguísticas. Além disso, poderão, por meio da prática e da reflexão, compreender em quais aspectos estão tendo dificuldades e como superá-las.

O terceiro e último princípio é o de proporcionar aos alunos o conhecimento dos processos envolvidos. Para desenvolver uma competência numa área de investigação, os estudantes precisam: a) possuir uma base sólida de conhecimento factual, b) entender os fatos e as ideias no contexto do arcabouço conceitual e c) organizar o conhecimento a fim de facilitar a recuperação e a aplicação. Para os autores do livro *Como as pessoas aprendem*,

A capacidade de planejar uma tarefa, de perceber padrões, de gerar argumentos e explicações razoáveis, de fazer analogias com outros problemas está mais intimamente entrelaçada com o conhecimento do que se acreditava antes. Mas o conhecimento de um grande conjunto de fatos desconexos não é suficiente. Para desenvolver competências numa área de investigação, os estudantes precisam ter oportunidades de aprender e

compreender. A compreensão profunda do assunto transforma a informação factual em conhecimento utilizável. (Comitê de Desenvolvimento, 2007).

Em resumo, os princípios que o professor deve ter em mente para promover a aprendizagem efetiva são os seguintes: primeiro princípio: levar em consideração o conhecimento prévio do aluno; segundo princípio: promover aprendizagem ativa; terceiro princípio: promover conhecimento dos processos envolvidos. O professor deve levar seus alunos a: a) aprender a identificar padrões; b) desenvolver compreensão profunda do assunto; c) aprender a quando, como e onde usar o conhecimento – conhecimento circunstanciado; d) possuir acesso fluente ao conhecimento; e) ter conhecimento do conteúdo pedagógico e f) aprender com metacognição e para toda a vida.

Considerações finais

O presente artigo teve o objetivo de contribuir no avanço das pesquisas e discussões sobre formação de professores de língua materna e o ensino de gramática na educação básica. A proposta desenvolvida foi a de que para tornar o processo de ensino-aprendizagem da variedade padrão da língua portuguesa mais efetivo é fundamental que a formação prática dos futuros docentes esteja fundamentada numa Abordagem Pedagógica. No sentido de construir tal abordagem, o presente artigo, fundamentado em pressupostos da Teoria Gerativa, tais como Faculdade da Linguagem, criatividade e competência, dedicou-se a responder três questões: Quais devem ser os objetivos do ensino de língua (no nosso caso, na aula de gramática)? Qual a natureza básica das línguas humanas? Que tipo de processamento os aprendizes usam ao dominar uma língua e como estes podem ser incorporados num método?

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. 1997. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília.

Chomsky, Noam. 1969. *Linguística cartesiana*. Madrid: Gredos.

_____ et al. 1970. *Novas perspectivas linguísticas*. Petrópolis: Vozes.

_____ 1971. *Linguagem e pensamento*. Petrópolis: Vozes.

_____. 1976. *Knowledge of language: Its nature, origin, and use*. New York: Praeger Scientific.

Comitê de Desenvolvimento da Ciência e da Aprendizagem. 2007. *Como as pessoas aprendem: cérebro, mente, experiências e escola* (edição brasileira). São Paulo: Senac.

Costa, João *et al.* 2010. *Guião de Implementação do Programa de Português do Ensino Básico: Conhecimento Explícito de Língua*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Ferraz, Maria José. 2007. *Ensino de Língua Materna*. Lisboa: Caminho.

Ferreira, Elisabete & Guerra Vicente, Helena. 2015. “Linguística gerativa e “ensino” de concordância”. In *Revista Linguagem & Ensino*, vol.18, n.º 2, 425-455.

Franchi, C. Mas o que é mesmo “gramática”? In: POSSENTI, S. (org.). *Mas o que é mesmo “gramática”?* São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1991], p. 11-33.

Guerra Vicente, Helena & Pilati, Eloísa. 2012. “Teoria Gerativa e “ensino” de gramática: uma releitura dos Parâmetros Curriculares Nacionais”. In *Verbum – Cadernos de Pós-Graduação*, n.º 2, 4-14, jul./dez. São Paulo. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/verbum/article/view/12793/9279>

Lobato, Lúcia Maria P. 2003. “O que o professor de ensino básico deve saber de linguística?” (Palestra proferida em 13 de dezembro de 2003, como parte da mesa-redonda intitulada A Linguística e o Professor de Ensino Básico). Fortaleza.

Luft, Celso Pedro. *Língua e Liberdade*. São Paulo: Ática. 6ª edição. 1998.

Mioto, Carlos; Figueiredo Silva, Maria Cristina & Lopes, Ruth. 2004. *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular.

Neves, Maria Helena M. 2007. *Gramática na escola* (8.ª ed.). São Paulo: Contexto.

Pilati, Eloísa; Naves, Rozana Reigota; Vicente, Helena Guerra & Salles, Heloísa. 2011. “Educação linguística e ensino de gramática na educação básica”. In *Revista Linguagem & Ensino*, vol.14, n.º 2, 395-425, jul./dez.

_____. 2014. “Laboratório de Ensino de Gramática: questões desafios e perspectivas”. In *O que a distância revela: reflexões de professores e estudantes do Curso de Letras EAD/UnB*, Josênia Vieira & Cordelia Francisca (org.), vol. 1, 48-67. (1.ª ed.). Brasília: Gráfica e editora Movimento.

Richards, Jack C. & Rodgers, 2001. *Theodore S. Approaches and methods in Language Teaching*. Cambridge: Cambridge University Press.

Vieira, Sílvia & Brandão, Sílvia. *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2008.

